

# **E daí? f...-se a vida: globalização, população negra e COVID-19 no Brasil<sup>1</sup>**

Paulo Alberto dos Santos Vieira

Desastres ambientais, guerras e pandemias têm sido pesquisadas ao longo da história da ciência. Cientistas de um modo geral, e os cientistas sociais em particular, desenvolveram modelos interpretativos acerca destes eventos que permanecem se inscrevendo de modo denso e dramático na História das sociedades. Em algumas oportunidades, estes fenômenos têm a capacidade de modificar rumos e trajetórias de indivíduos, grupos e sociedades. Parece que nestes tempos presentes enfrentamos algo desta envergadura.

O abalo sísmico ocorrido em Porto Príncipe, capital do Haiti, em 2010; o genocídio ocorrido em Ruanda em 1994; e a gripe espanhola que se espalhou pelo mundo na segunda metade da década de 1910 foram profundamente estudados por especialistas de diferentes áreas do conhecimento humano, ao mesmo tempo em que os saberes populares também produziam conhecimento acerca dos exemplos mencionados. Variáveis culturais, sociais, políticas e históricas nos possibilitam aproximar o terremoto no país caribenho, a guerra fratricida no coração da África e a enfermidade que ceifou a vida de Francisco de Paula Rodrigues Alves, o quinto presidente do Brasil, à pandemia do coronavírus que rapidamente se globalizou.

A expansão da COVID-19 ocorreu em um ritmo muito mais frenético que as liberalidades impostas pelo capital às sociedades e Estados (Pluri)Nacionais, em especial pelas formas financeiras do contemporâneo, responsáveis pela implementação da agenda neoliberal – em suas diversas extrações.

Flexibilização, privatização, retirada de direitos em escala global, sequestro das riquezas naturais e deterioração ambiental e, em seu ápice, precarização em escala planetária têm sido as características centrais destas formas contemporâneas que metamorfosearam o capital desde seu surgimento, espraiamento e consolidação como

---

<sup>1</sup> O título deste ensaio foi tomado a partir de duas manifestações públicas de desapeço à vida. Em 25 de abril de 2020, a *digital influencer* Gabriela Pugliesi, que já houvera sido contaminada com a Covid-19, organizou uma festa para cerca de 10 pessoas. Na pista de dança de sua casa, a *youtuber* não hesitou e bradou: “- foda-se a vida”. No dia 28 de abril de 2020, quando o Brasil já contabilizava mais de 5 mil mortes por Covid-19, ao ser perguntado sobre o elevado número de óbitos, o mandatário não titubeou e respondeu: “- E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagres”.

uma das formas de organização social. Os resultados desta reconfiguração têm sido nomeadas como decomposição da vida social (TOURAINÉ, 2011 e 1998); surgimento de democracias de baixa intensidade (SOUSA, 2011 e 2007); e derrocada e assalto dos sistemas de bem-estar social (HARVEY, 2011).

Onde quer que tenham se constituído, independentemente de sua maior (América do Norte, Europa e Oceania) ou menor (África, América Latina e Caribe, Ásia) ossatura e enraizamento cultural e político, os sistemas que asseguravam graus de proteção social foram devastados pela faceta financeira do capital e de suas múltiplas formas a partir de fins da década de 1970 (ANDERSON, 1995). Ganhavam peso e densidade na formulação de políticas econômicas liberalizantes, determinadas Escolas do Pensamento Econômico cujas bases elevaram à última potência a assim chamada liberdade dos agentes econômicos privados.

Os que defendiam cegamente a auto regulação dos mercados, a sofisticação de modelos macroeconômicos e a transformação de vidas humanas em variáveis dispostas em um ponto qualquer das curvas desses modelos, pretenderam nos fazer crer imbecis (MARIS, 2000). Qualquer crítica era imediatamente refutada, ainda que repousassem sobre os fundos públicos a grandeza a ser expropriada para a sustentação cultural e econômica dessa arquitetura política e social sob a quadra financeira do capital e do surgimento do antivalor. (OLIVEIRA, 1988)

Ao observarmos o que ocorre com a atual pandemia da Covid-19 esses elementos brevemente apontados são perceptíveis. Contudo, há algo que se renova. Parece que emergem vozes que se recusam à imbecilidade e cuja audiência vai aos poucos se expandindo e se conectando com um amplo conjunto de ações e iniciativas que afirmam seu potencial crítico e de estabelecer um contraponto que favorece à reflexão e à inflexão nos rumos que vimos acompanhando no mundo nas últimas três ou quatro décadas. (SIQUEIRA *et al*, 2003)

Greta Tintin Eleonora Ernman Thunberg, ambientalista sueca que liderou o movimento *Greve das escolas pelo clima* e que em 2019, aos 16 anos de idade, foi considerada a personalidade do ano pela Revista *Time*; Malala Yousafzai, a ativista paquistanesa que em 2014, aos 22 anos de idade, recebeu o Nobel da Paz; o *Occupy Wall Street* que em 2011, apenas dez anos após a assinatura do decreto dos Atos Patrióticos, se caracterizava como movimento de protesto contra a desigualdade econômica e social, a ganância, a corrupção e a forte presença dos interesses das empresas, sobretudo do setor financeiro.

Juan Evo Morales Ayma que em 2009, aos 50 anos de idade, liderou a refundação da nação boliviana. O primeiro artigo da *Constitución Política del Estado* define a Bolívia como um Estado Unitário Social de Direito Plurinacional Comunitário; Chimamanda Ngozi Adichie, a pensadora feminista nigeriana que aos 32 anos de idade, em 2009, apresentou um dos *TED talk* mais assistidos da história; os potentes protestos de indígenas no Equador (2019) e no Brasil em função das comemorações, em 2000, dos 500 anos de quê?; e todas edições do *Fórum Social Mundial*, a partir de 2001 em Porto Alegre, são apenas alguns exemplos de eventos nas últimas décadas que têm demonstrado haver outros arranjos societários possíveis. (DI GIOVANI, 2013 e 2007)

Em países que foram colônias e permanecem racializados, como é o caso do Brasil, cujos índices de desigualdade são ímpares em todo o mundo, a pandemia, que por si só já contém altas doses de letalidade, tem esta condição agravada. Concomitantemente, a pandemia também revela outras dimensões que mesmo hoje ainda têm sido pouco observadas pela população em geral, pela imprensa e mesmo por especialistas. Dados oficiais do Ministério da Saúde informam que no dia 06 de maio de 2020 o Brasil contava com 125.218 casos e 8.536 mortes pela Covid-19, o que faz do país, em termos proporcionais, um dos mais letais em todo o mundo. (LYENTERIS, 2020)

Aqui, no Brasil, uma outra dimensão se torna explícita e todas as máscaras caem (FANON, 2008). Enquanto escrevo ainda não é obrigatória a declaração de cor/raça em todos os serviços de saúde e funerários e mesmo assim já não é possível permanecer afirmando que a Covid-19 atinge, alcança e fulmina a todos os grupos igualmente. Ainda que as pandemias não guardem fronteiras geográficas, religiosas, econômicas e sociais; estas, quando se disseminam em sociedades erguidas sobre os pilares do racismo estrutural revelam quais vidas importam e quais podem ser ignoradas. Alguns desdenham dessas vidas. Não as respeitam, pois entendem que essas pessoas sequer são humanas, por isso o “e daí?” Sim, o emblema que a pergunta escancara se relaciona de modo direto com a cor/raça da maioria dos contaminados e mortos pela virulenta e fatal Covid-19.

Conforme reportagem de Fernanda Mena no *Jornal Folha de São Paulo*, em 10 de abril de 2020, os dados epidemiológicos quando desagregados pelo binômio cor/raça (ABRASCO, 2019) revelam a sobre representação da população negra entre contaminados e mortos; não por outra, a obrigatoriedade do registro hospitalar ou dos cemitérios ainda encontra barreiras para ser plenamente instituída. São velhas práticas

do racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) e do racismo institucional (WERNECK, 2016) sendo reatualizadas.

O processo de transição pelo qual passa o Brasil – que possui a segunda maior população negra do planeta – superará vários mitos. Para Silvério e Trinidad (2012) por exemplo, a Constituição Federal de 1988 corresponde à “transição sociopolítica de uma sociedade que se representava como homogênea (do ponto de vista étnico-racial), harmônica (do ponto de vista do ideal de nação) e cordial (do ponto de vista das relações entre os indivíduos e grupos), para uma sociedade que se pensa diversa e profundamente heterogênea (do ponto de vista étnico-racial), dissonante (do ponto de vista do ideal de nação) e conflituosa (do ponto de vista das relações entre os indivíduos e grupos)”.

Ainda que alguns setores realizem esforços para postergar esta transição ou fazer com que ela ocorra pelo alto, como tem sido a tradição das mudanças políticas no país desde tempos pretéritos, o cenário cultural do Brasil contemporâneo nos permite especular sobre a existência de outras dinâmicas. As ruas e praças africanas, asiáticas, europeias, latino e norte americanas demonstram com força e energia esta possibilidade.

Quem poderia afirmar que a sociedade brasileira contaria com transformações tão profundas de sua auto representação como a criminalização do racismo, tornando-o inafiançável e imprescritível? Ter assegurada a constitucionalidade das políticas de ação afirmativa e as cotas para negros para ingresso em universidades, em concursos públicos e no mercado de trabalho? E se comprometer com a implementação, ainda que lentamente, dos artigos que compõem o *Estatuto da Igualdade Racial*?

Em 2016, o então presidente do Supremo Tribunal Federal declarava que a cada período de 30 anos no Brasil “nós temos um tropeço na nossa democracia”. Se a história da República tem sido marcada por tais tropeços, é fundamental a construção de narrativas, a partir da própria dinâmica e realidade social brasileiras, que se contraponham a eventuais naturalizações de tais tropeços. Um dos exemplos mais contundentes tem sido a agência (PENNA, 2012) posta em marcha pelo Movimento Negro, um dos atores responsáveis por transformações no âmbito da cultura e da política brasileira (RIOS, 2012). Esta agência tem sido capaz de desvelar as formas e dinâmicas do racismo estrutural e institucional, permitindo melhor compreender o porquê das condições de vida da população negra no Brasil no século XXI. Esta capacidade de articulação política está no vigor do propositivo *slogan* “Não deixe sua

cor passar em branco” para o Censo Demográfico de 1980, bem como no decifrar dos racializados “E daí?” e do “F...-se a vida”.

A pandemia da Covid-19 inflige grande ônus à população negra que permanece sendo a “carne mais barata do mercado”. É emblemática que a primeira morte por Covid-19, no Estado do Rio de Janeiro, tenha sido de uma pessoa negra, idosa, diabética e hipertensa – doenças prevalentes na população negra – de baixa escolaridade, moradora do sul-fluminense, na cidade de Miguel Pereira, e que para evitar o deslocamento de cerca de 120 km diários, pernoitava em seu ambiente laboral no “quarto de empregada”. Cleonice Gonçalves infectou-se no seu ambiente de trabalho, no Leblon – um dos metros quadrados mais caros do país – após sua empregadora retornar de uma viagem internacional que fizera à Itália. Mais explícito, impossível!

Em um momento em que direitos têm sido sistematicamente retirados da população em geral, não resta a menor dúvida que recairá sobre a população negra os maiores custos econômicos e psicossociais. Serão tempos bastante difíceis, entretanto ao colocarmos a recente história em perspectiva nos depararemos com eventos críticos (MISSE *et al*, 2012) que reúnem a necessária força simbólica e material que podem auxiliar a compreender as possibilidades da mudança de rumos; nesse diapasão é imperativa e inevitável a lembrança do vigor da *Marcha Zumbi contra o Racismo, pela Cidadania e pela Vida*. (JORNAL DA MARCHA, 1995)

É esta força humana que reside em muitos atores e, dentre eles, se destaca o Movimento Negro, responsável, nas últimas décadas, pelo traçado de novos rumos e rotas. No Brasil contemporâneo “uma dor assim pungente...não há de ser inutilmente”! Não é ou será mais possível às alternativas culturais e políticas que dão título a este ensaio permanecerem impunes e incólumes. Vidas Negras Importam!

## Referência

ABRASCO. Associação Brasileira de Saúde Coletiva. *População negra e a COVID-19: desigualdades sociais e raciais ainda mais expostas*. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/sistemas-de-saude/populacao-negra-e-covid-19-desigualdades-sociais-e-raciais-ainda-mais-expostas/46338/>. Acesso em: 2 mai. 2020.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ANDERSON, Perry. *Balanço do neoliberalismo*. Disponível em: <http://www.unirio.br/unirio/cchs/ess/Members/giselle.souza/politica-social-ii/texto-1-balanco-do-neoliberalismo-anderson>. Acesso em: 4 maio 2020.

DI GIOVANNI, Julia Ruiz. *Cadernos do Outro Mundo: o Fórum Social Mundial em Porto Alegre*. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-26092013-100157/publico/2013\\_JuliaRuizDiGiovanni\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-26092013-100157/publico/2013_JuliaRuizDiGiovanni_VCorr.pdf). Acesso em: 3 maio 2020

\_\_\_\_\_. *Seattle, Praga e Gênova: política anti-globalização pela experiência da ação de rua*. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-04072008-143738/publico/DISSERTACAO\\_JULIA\\_RUIZ\\_DI\\_GIOVANNI.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-04072008-143738/publico/DISSERTACAO_JULIA_RUIZ_DI_GIOVANNI.pdf). Acesso em: 3 maio 2020.

FANON, Frantz Fanon. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUFBA, 2008.

HARVEY, David. *O enigma do Capital e as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2011.

PEA. *Atlas da violência*. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf). Acesso em: 4 maio 2020.

MANIFESTO *Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Igualdade e a Vida*. Jornal da Marcha, outubro de 1995. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJOMASP10199500X.pdf>. Acesso em 4 maio 2020.

LYNTERIS, Christos (ed.). *COVID-19 Forum: Introduction*. Disponível em: [http://somatosphere.net/2020/covid-19-forum-introduction.html/?fbclid=IwAR2wGhzy45BFBOqGAWLVX8G9RnX0Qc4IxQjNNT0FFq823OB\\_NxGqagzdz3HA](http://somatosphere.net/2020/covid-19-forum-introduction.html/?fbclid=IwAR2wGhzy45BFBOqGAWLVX8G9RnX0Qc4IxQjNNT0FFq823OB_NxGqagzdz3HA). Acesso em: 2 maio 2020.

MARIS, Bernard. *Carta aberta aos gurus da economia que nos julgam imbecis*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MISSE, Michel *et al.* *Entre palavras e vidas: um pensamento de encontro com margens, violências e sofrimentos*. Entrevista com Veena Das. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7331/5910>. Acesso em: 4 maio 2020.

OLIVEIRA, Francisco de. *O surgimento do antivalor: capital, força de trabalho e fundo público*. Disponível em: [https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/1%20Estado%20e%20Políticas%20Publicas/EPP%2005\\_Oliveira\\_O%20surgimento%20do%20antivalor.pdf](https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/1%20Estado%20e%20Políticas%20Publicas/EPP%2005_Oliveira_O%20surgimento%20do%20antivalor.pdf). Acesso em: 2 maio 2020.

PENNA, Camila. *Reflexividade e agência na teoria sociológica contemporânea*. Disponível em:

[http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/2348/1290](http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/2348/1290). Acesso em: 4 maio 2020.

RIOS, Flávia. *O protesto negro no Brasil contemporâneo (1978-2010)*. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ln/n85/a03n85.pdf>. Acesso em: 4 maio 2020.

SILVÉRIO, Valter Roberto e TRINIDAD, Cristina Teodoro. *Há algo novo a se dizer sobre as relações raciais no Brasil contemporâneo*. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/13.pdf>. Acesso em: 4 maio 2020.

SIQUEIRA, Carlos Eduardo *et al.* *A globalização dos movimentos sociais: resposta social à Globalização Corporativa Neoliberal*. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232003000400002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000400002). Acesso em: 2 maio 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Portugal: ensaio contra a autoflagelação*. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

TOURAINÉ, Alain. *Após a Crise: a decomposição da vida social e o surgimento de atores não sociais*. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Podemos viver juntos? iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 1998.

WERNECK, Jurema. *Racismo institucional e saúde da população negra*. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v25n3/1984-0470-sausoc-25-03-00535.pdf>. Acesso em: 2 maio. 2020.